

A Jornada de Israel até o Mar Vermelho

“Ora, essas coisas lhes aconteceram como exemplo; e foram escritas para nossa admoestação, sobre quem os fins dos séculos chegaram.”

1 Coríntios 10:11

Após a morte dos primogênitos do Egito e a passagem dos primogênitos de Israel, o Faraó decidiu deixar os israelitas partirem. (Êxodo 12:29-32). Na manhã seguinte à agitada noite da Páscoa, eles se reuniram em Ramessés para iniciar sua jornada rumo a Canaã, a terra que Deus havia prometido a Abraão. (Gênesis 15:18-21; Êxodo 3:8). Em nossa passagem bíblica inicial, o apóstolo Paulo diz que as coisas que aconteceram aos israelitas foram escritas como exemplos, ou “tipos”, para nosso aprendizado. Como cristãos, podemos extrair lições da maneira como Deus lidou com esse povo antigo, o que deve nos ajudar a evitar os erros que eles cometeram e a exercer uma fé maior na providência de Deus sobre nós do que eles exerceram.

Ramsés, de onde os israelitas iniciaram sua jornada, era uma das “cidades-tesouro” construídas para o Faraó por esse povo escravizado. (Êxodo 1:11; 12:37). Ramsés era também o título do Faraó o Opressor, e torna-se um nome muito apropriado para a cidade de onde os israelitas iniciariam sua jornada rumo à terra prometida de Canaã. Os

egípcios eram adoradores do sol. Seu deus do sol era “Rá”. Não é surpreendente que esse Faraó tenha assumido para si o título de Ramsés, que significa “filho do sol”. Sabemos, no entanto, do ponto de vista da Verdade, que Ramsés não era, na verdade, um portador de luz nem para o Egito nem para os israelitas. Foi ele quem escravizou tanto os filhos de Israel que eles clamaram por libertação. O Deus deles, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, ouviu-os e os libertou. Êxodo 2:23-25; 3:7-10

Há uma correspondência interessante a esse respeito em relação ao modo como Deus lida com os cristãos hoje — isto é, os israelitas espirituais. (Romanos 8:14; Hebreus 3:5,6; 1 Pedro 2:5,9,10). Nós também, por assim dizer, temos um Faraó que nos oprime. Ele é Satanás, originalmente chamado Lúcifer, que significa “portador da luz”. Assim como o Faraó de outrora, ele está longe de ser uma verdadeira luz. No entanto, por meio de seus diversos métodos enganosos, ele tem se apresentado como um “anjo de luz”. (2 Coríntios 11:14). É verdade que, sob a direção de Satanás, o povo que professa seguir a Deus foi levado a construir cidades de tesouros — grandes sistemas eclesiásticos que se disfarçaram como verdadeiras cidades de Deus. Observamos, no entanto, que o Egito não representa meramente os grandes sistemas eclesiásticos, assim como suas cidades-tesouro não constituíam todo o Egito. O Egito representa mais particularmente o mundo ou reino das trevas e da morte no qual, em um momento ou outro, todos os israelitas espirituais de Deus foram escravizados. Romanos 8:21-23; Gálatas 4:1-7

Não havia nada que os escravizados de Israel pudessem fazer a respeito de sua própria libertação. A libertação do Egito foi realizada por Deus. É Deus também, por meio de sua providência soberana e do sangue derramado de Jesus, o Cordeiro pascal maior, que realiza nossa libertação, nossa redenção. (João 1:29; 1 Coríntios 5:7). É bom observar, a esse respeito, que embora o sangue aspergido do cordeiro pascal tenha resultado na libertação de Israel do Egito, isso não necessariamente os levou à terra prometida. Assim é com os israelitas espirituais de hoje. Deus nos libertou por meio do sangue de Jesus, mas a fidelidade contínua às condições do nosso chamado é necessária para que possamos finalmente entrar na Canaã celestial.

A fé contínua no Deus que os havia libertado por meio do sangue da Páscoa era a única garantia que os israelitas tinham de entrar finalmente na terra prometida. Esse exercício de fé, ao aspergir o sangue do cordeiro pascal sobre os lintéis e os batentes das portas, foi considerado por Deus como uma manifestação de sua obediência. (Êxodo 12:22,23). A falha em continuar a exercer esse mesmo grau de fé foi considerada por Deus como uma manifestação de sua desobediência. Deus lembrou-se de que eles não passavam de pó e continuou a suportá-los por um longo período de tempo. (Salmo 103:14; Romanos, capítulo 11). No entanto, a persistência deles em duvidar e esquecer Deus fez com que Ele finalmente desistisse de lutar por eles. Por essa falha em permanecer fiéis e obedientes, Ele os fez voltar, não para o Egito, mas para o deserto, para morrer. (Números 14:22,23). Lembremo-nos bem das palavras do nosso texto

inicial, no qual Paulo nos diz que o que aconteceu a Israel aconteceu a eles como exemplo. Que o exemplo de descrença e desobediência deles seja um aviso para nos ajudar a caminhar com mais fidelidade e “dignamente da vocação” para a qual fomos chamados. Efésios 4:1

Não devemos subestimar Deus, nem considerar as coisas que Ele fez por nós como algo comum e banal. Não devemos presumir que, só porque Ele uma vez agiu em nosso favor enquanto ainda estávamos em nossos pecados, concedendo-nos a libertação por meio do sangue derramado de Jesus Cristo, Ele continuará a agir em nosso favor sem que demonstremos qualquer sinal de uma gratidão e fé cada vez maiores. É por meio de nossa fé e obediência a Deus que demonstramos nossa gratidão pelo que Ele já fez por nós. Sem dúvida, é isso que o apóstolo quer dizer quando afirma: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Não é razoável supor que Deus continuará a derramar suas “bênçãos espirituais” sobre nós se não as usarmos como meio de fortalecer nossa fé nele e aumentar nosso zelo por ele e por sua causa. Efésios 1:3

“Sem Cidade Permanente”

Todos os israelitas estavam prontos para partir para a terra prometida, prontos para aceitar a libertação que Deus lhes oferecia. Assim, reuniram-se em Rameses e, de lá, partiram para Sucote. (Números 33:5). O nome Sucote significa “*tendas*” e é um bom lembrete do fato de que sua jornada rumo a Canaã, embora lhes proporcionasse liberdade e libertação da servidão no Egito, era, por outro lado, um chamado para que renunciassem a muitas das

conveniências e necessidades que suas casas no Egito, sem dúvida, lhes proporcionavam.

Os israelitas não desfrutariam mais da proteção de casas e telhados sobre suas cabeças. A partir de então, deveriam viver em tendas até chegarem à terra prometida. Há nisso uma lição para os israelitas espirituais que iniciaram sua jornada de peregrinação rumo à Canaã celestial e e e do descanso. Não pode haver “cidade permanente” que lhes ofereça proteção contra as dificuldades do caminho enquanto viajam atualmente. (Hebreus 13:14). Como filhos espirituais de nosso Pai Celestial, viajando em direção à terra espiritual da promessa, não buscamos fontes materiais para nossa proteção. Em vez disso, cada um de nós habita em moradias temporárias e humildes sobre as quais Deus vigia, e temos a certeza de que ele não dorme nem cochila. (Salmo 121:3,4). Suas preciosas promessas de graça e proteção para todos os momentos de necessidade fornecem um dossel abençoado entre nós e as tempestades e provações ardentes que, de outra forma, nos oprimiriam. Hebreus 4:16

Os israelitas viajavam sob o dossel de uma nuvem providenciada por Deus. (Êxodo 13:21,22). Isso pode muito bem nos lembrar da infinitude da graça de Deus com a qual estamos rodeados e de que “para aqueles que amam a Deus, isto é, para aqueles que são chamados de acordo com o seu propósito, todas as coisas contribuem para o bem”. (Romanos 8:14-17,28). Essa graça não deve ser impedida nem prejudicada. Nenhuma nuvem de origem terrena deve ser permitida a se interpor entre nós e nosso Deus. Devemos ser capazes de sempre

olhar para o manto de sua graça e amor e, assim, perceber um senso cada vez maior de sua misericórdia e cuidado. Devemos lembrar, no entanto, que o amor e a graça de Deus para conosco nem sempre se manifestam meramente nas experiências agradáveis da vida. As provações e os sofrimentos que o Senhor permite que nos sobrevenham são igualmente manifestações de seu amor. Precisamos dessas experiências também para nos fortalecermos nele “e no poder da sua força”. Efésios 6:10

Tomemos como ilustração duas plantas da mesma espécie. Que uma seja cultivada no porão, onde a luz e o ar fresco são excluídos; e que a outra seja cultivada em um jardim aberto. Após algumas semanas, observe a diferença entre as duas plantas. Uma estará saudável e forte, a outra fraca e frágil. A planta no porão está protegida do vento e da chuva, mas é justamente essa proteção que a impede de crescer forte e resistente. Por outro lado, a planta que cresce ao ar livre torna-se forte em sua luta contra os elementos, sendo auxiliada pelo alimento fornecido pelo brilho do sol e pela umidade vitalizante da chuva. Sob este grande dossel do céu, a planta prospera por causa de todos os diversos elementos e fatores que contribuem para seu desenvolvimento e força.

Os verdadeiros israelitas espirituais têm experiências que abrangem todas as fases da graça de Deus, pelas quais crescem em Cristo. Essa exposição é o que realmente torna o cristão fiel forte. É o vento adverso que sopra sobre uma árvore que a faz tornar-se cada vez mais forte, à medida que ela cria raízes cada vez mais profundas na terra. No

entanto, deve-se ter em mente que é a luz do sol o meio vital de seu sustento e vida, proporcionando-lhe assim a capacidade de resistir às tempestades. Nós também nos fortalecemos por meio de nossa resistência às tempestades da vida, mas é por meio da luz do sol da graça de Deus que recebemos o encorajamento e a capacidade de sermos fiéis, mesmo até a morte.

O zelo com que os israelitas iniciaram sua jornada pelo deserto não perdurou. Nisso temos uma ilustração muito vívida do que pode ocorrer em nossas próprias experiências individuais se não vigiarmos cuidadosamente a nós . Existe a possibilidade, e até mesmo o perigo, de perdermos nosso “primeiro amor”. (Apocalipses 2:4). De acordo com Números 33:6-8, os israelitas pareciam inicialmente ter se deslocado em direção ao leste, mas de repente foram orientados a virar para o sul. O mais natural para eles teria sido continuar indo para o leste, pois assim teriam chegado aos pequenos riachos situados ao norte do Mar Vermelho, que certamente seriam muito mais fáceis de atravessar e mais diretamente alinhados com Canaã, seu destino.

O percurso dos israelitas parece ter sido inconsistente, pois, em vez de aumentar a distância entre eles e o domínio do Faraó, eles a estavam encurtando. Não apenas isso, mas estavam aumentando a barreira entre eles e a terra prometida. No entanto, a explicação é que essa mudança foi orientada por Deus. O relato diz: “E o Senhor ia adiante deles... para lhes mostrar o caminho.” Êxodo 13:21

Seguindo a orientação de Deus

Para os israelitas espirituais, há muitas ocasiões em que Deus nos orienta, não em caminhos de progresso segundo a carne, mas na direção exatamente oposta, para que a demonstração da graça e do poder de Deus seja ainda maior. Não devemos escolher nosso próprio caminho, mas devemos sempre permitir que Deus dirija nossa trajetória, mesmo que, às vezes, esse caminho pareça extremamente perigoso. “Há um caminho que parece certo ao homem, mas o seu fim” não é a libertação plena e completa pela qual esperamos. Provérbios 14:12

Se deixados a escolher nosso próprio caminho, estaríamos inclinados a seguir nossas tendências e preferências naturais. O caminho da carne é geralmente seguir a linha de menor resistência. No entanto, dessa forma Deus não pode ser glorificado, nem nossa fé pode ser devidamente demonstrada. É fácil, portanto, ter fé enquanto podemos ver a margem mais distante, mas quando a neblina se instala, impedindo nossa visão natural, é então que precisamos exercer forte fé em Deus.

Para aprofundar essa ilustração, ao viajar de barco em um dia claro e ensolarado, pode-se dar pouca importância à habilidade e competência do piloto. No entanto, quando uma névoa densa se instala e os pontos de referência antigos e familiares não são mais visíveis, é então que apreciamos o piloto e sua capacidade de nos levar com segurança ao porto desejado. Nessas circunstâncias, não há nada que se possa fazer, a não ser depositar total confiança no piloto. Nossa inquietação, nervosismo, receios, dúvidas e ansiedade não ajudariam em nada.

Devemos permanecer firmes na fé, enquanto o piloto nos conduz através da tempestade.

Quão verdadeiro isso é em nossa jornada espiritual! Há momentos em que, na providência de Deus, não podemos fazer nada para nos livrarmos de uma situação difícil. Nesses momentos, não há nada que possamos fazer a não ser depositar nossa confiança inteiramente em Deus, percebendo que é Ele quem é capaz de nos conduzir até o fim. (Salmo 34:19; 2 Coríntios 1:9,10). É então que nossas situações extremas se tornam oportunidades de Deus.

Deus conduziu os israelitas por uma situação extrema para que tivessem a oportunidade de “ficar quietos” e ver a sua salvação. (Êxodo 14:13). Ele mudou o curso deles e os levou até Pi-Hahiroth. Esse era realmente um lugar onde, segundo a carne, seus corações desfaleceriam de desânimo. Em vez de encontrarem a libertação completa do Egito, viram-se em uma e aparentemente pior do que quando iniciaram a jornada. Será que então se lembraram do Deus que já havia feito tanto por eles? Não. Murmuraram e choraram. Viram apenas o Mar Vermelho diante de si e os egípcios atrás de si. Não viram caminho de fuga porque negligenciaram colocar sua confiança em Deus. Êxodo 14:10-12

Talvez nós também, como israelitas espirituais, tenhamos chegado ao fim de nossas forças e visto, à nossa frente e atrás de nós, o que parecem ser obstáculos intransponíveis. O Senhor pode nos conduzir, por assim dizer, ao Mar Vermelho, onde todos os meios visíveis de fuga parecem estar bloqueados. Nesses momentos, será que tememos e trememos diante da aparente desgraça iminente? Não deveríamos, pois é aqui que Deus tem a grande

oportunidade de nos dar a libertação. É por meio dessas experiências que aprendemos a lição tão necessária de que a libertação não vem de nós mesmos, mas de Deus. É nessas horas que Ele nos diz, como fez ao antigo Israel por meio de Seu servo Moisés: “Não temais, ficai quietos e vede a salvação do Senhor.” Êxodo 14:13

É nesses momentos que Deus, se O deixarmos, se torna nossa torre de refúgio, nossa torre de força. Literalmente falando, quão bom é quando nos perdemos na floresta e não sabemos mais o caminho de volta, e de repente avistamos uma torre familiar, marcando um ponto que, se conseguirmos alcançá-lo, significará segurança para nós. Deus é exatamente essa torre de força e libertação, trazendo-nos salvação em nossos momentos de maior necessidade. (Salmo 61:1-3; Provérbios 18:10). Sem Ele, estaríamos irremediavelmente perdidos no deserto do desespero.

O relato nos diz que Deus conduziu os israelitas a Pi-Hahiroth, “entre Migdol e o mar”. (Êxodo 14:2; Números 33:7). Migdol significa “torre” em e . Quão significativo isso é! Foi aqui que Deus se revelou aos israelitas como uma torre de refúgio. Ele instruiu Moisés sobre o que deveria ser feito naquelas circunstâncias. A obediência a essas instruções trouxe libertação através do próprio mar que, pouco tempo antes, se apresentara como uma barreira quase intransponível para a fuga deles. A nuvem que ia à frente deles passou a posicionar-se na retaguarda do acampamento, tornando-se uma coluna de escuridão para os egípcios e uma coluna de luz para os israelitas, impedindo que os egípcios os atacassem durante toda a noite (Êxodo 14:19-

22). Pela manhã, o Mar Vermelho havia se aberto, e eles passaram por ele em segurança.

Os israelitas espirituais frequentemente passam por experiências permitidas por Deus, pelas quais sua fé é testada. Isso nos ajuda a aprender a lição: “Pois é pela graça que vocês foram salvos, por meio da fé — e isso não vem de vocês mesmos, é dom de Deus — não por obras, para que ninguém se glorie.” (Efésios 2:8,9). É de suma importância que percebamos que não é por nossa própria força que alcançamos a libertação. É muito necessário que, às vezes, “fiquemos quietos” e vejamos a salvação de Deus. Isso não significa uma atitude apática ou desinteressada, mas sim uma confiança serena nele. É uma confiança nascida da fé, de que maior é aquele que está a nosso favor do que todos aqueles que estão contra nós. (Romanos 8:31; 1 João 4:4). Ao colocarmos assim nossa confiança em Deus e cooperarmos com ele enquanto ele dirige nossos caminhos, a vitória e a libertação estão asseguradas.

Ter plena fé em Deus significa que confiaremos nele em todas as circunstâncias. Confiaremos nele quando ele disser para ficarmos quietos e confiaremos e obedeceremos quando ele nos instruir a seguir em frente. Não agir quando o Senhor nos dá ordens de marcha manifestaria falta de fé, tanto quanto não ficar quieto quando ele nos pede para fazê-lo. No entanto, seja ficando quietos ou seguindo em frente por seu comando, nossos corações devem estar sempre em repouso, pois já agora descansamos na compreensão de sua obra consumada. É somente assim que podemos entrar no descanso que nos é proporcionado pela fé em

Cristo Jesus. (Hebreus 4:9-11). Todo o nosso trabalho para o Senhor e todo o nosso progresso no caminho estreito devem basear-se e estar em harmonia com esse repouso tranquilo e confiante nele e em suas promessas. Estas nos dão a certeza de que, aconteça o que acontecer, todas as coisas contribuem para o nosso bem. (Romanos 8:28). Assim, antecipando o fim do caminho e a Canaã do descanso que ali será encontrada, podemos, mesmo agora, em meio às lutas e dificuldades do caminho, dar graças a Deus, que “nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. 1 Coríntios 15:57